

Ninguém gosta de pressão. Ainda mais se ela for alta.

26 de abril
Dia Nacional de
Prevenção e Combate
à Hipertensão.

Unimed
Rio Grande do Sul

ANS Nº 36708-7



JUREMIR MACHADO DA SILVA

juremir@correiodopovo.com.br

Zweig, o filme

Stefan Zweig foi um grande escritor. Um dos maiores da sua época. Viveu muito tempo no exílio por ser judeu. Suicidou-se, junto com a mulher, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1942. Estudei profundamente um dos seus mais controversos livros, “Brasil, País do Futuro”, para minha tese de doutorado, “Anjos da perdição – futuro e presente na cultura brasileira”. Não poderia, portanto, perder o filme de Maria Schrader, “Stefan Zweig, Adeus, Europa”, em cartaz no momento.

Famoso por toda parte, instado constantemente, desde os primeiros anos de Hitler no poder, a se pronunciar de forma categórica sobre o nazismo, Zweig recusava-se a falar mal da Alemanha. Não queria generalizar. Preferia expressar-se através da sua arte. Não compreendia que a história exigia que passasse de escritor a intelectual. Pressionado por pedidos de ajuda de conhecidos e desconhecidos desesperados por um visto para viver na América, incomodava-se com a exposição. Queria paz para escrever. Podia ter?

O mundo vivido por Zweig se repete, de certo modo, agora para os refugiados de países como a Síria. Buscam abrigo, ajuda, vistos, acolhimento e palavras de apoio de intelectuais capazes de abrir portas, as portas dessa Europa que um dia precisou ser salva de seu monstro maior. A figura de Zweig é ambígua. Encantou-se com o Brasil do Estado Novo. Ficou deslumbrado com a tranquila convivência de pessoas de “raças” e de religiões diferentes. Não percebeu o racismo incrustado no cotidiano. Passou ao largo do autoritarismo dominante.

Entrar no universo histórico de Zweig deixa um gosto amargo na boca: passa o tempo e o mundo não se emenda. Sempre inventa novas formas de exclusão e de sofrimento. A intolerância anda em alta. Há, de fato, um choque de civilizações, mas não é entre o Ocidente e o Oriente. O choque se dá entre uma concepção de mundo baseada em valores humanos e outra baseada em valores monetários. Uma Europa das pessoas versus uma Europa das finanças. Thomas Mann considerou o suicídio de Zweig uma deserção. Mais tarde, reconsiderou sua posição. Um suicídio é sempre mais do que uma escolha. Uma perda de controle. Jean Baudrillard falava em “assassinato de si”. Vitória do desespero.

Rever a tragédia pessoal de Stefan Zweig serve para tomar uma lição: há momentos históricos em que a arte, a objetividade e a neutralidade devem ceder lugar à independência, à tomada de posição e ao comprometimento. Zweig deveria ter feito como Emile Zola e gritado: “Eu acuso”. O mesmo devem fazer os artistas de hoje toda vez que a Europa e os Estados Unidos fecham suas portas aos refugiados da Síria. Intelectual é aquele que pode errar por excesso, mas não por omissão. A guinada conservadora, capitaneada por Donald Trump, tem feito artistas de Hollywood assumirem a condição de intelectuais. No Brasil, Chico Buarque tem feito isso com maestria. A defesa da neutralidade é uma estratégia conservadora para silenciar vozes poderosas. A arte termina quando começa a necessidade de disputa na esfera pública.

O mundo vivido por Zweig se repete, de certo modo, agora para os refugiados de países como a Síria.

O Brasil está pagando um preço alto por uma estagnação econômica e nisso estão incluídos projetos, programas e obras já em curso importantes para o desenvolvimento do país. É de grandes investimentos em infraestrutura que a nação precisa, de tudo o que possa contribuir para aumentar a sua competitividade.

No Rio Grande do Sul a notícia de uma possível paralisação das obras da nova Ponte do Guaíba desperta apreensão geral por ser um empreendimento decisivo para a logística do Estado, não apenas para a produção como também para o fluxo do trânsito, hoje tão comprimido em vias que foram construídas para um número muito menor de veículos.

A edificação teve início em outubro de 2014 e estava prevista para terminar em setembro de

2017. Entretanto, é certo que esse cronograma não será cumprido, e os trabalhos estão sendo executados por um grupo muito reduzido de funcionários, tudo em função do corte de verbas do governo federal. Agora estão em estudo alternativas que incluem novas liberações de recursos ou mesmo a terceirização da continuidade do serviço, como defendem integrantes do Movimento Ponte do Guaíba.

Não há como a comunidade gaúcha ficar indiferente a esse problema que faz parte de um contexto em que o Estado deve tomar as providências estratégicas para resgatar seu papel de protagonista na produção nacional. As autoridades, a sociedade civil organizada e os seus representantes não podem permitir um retrocesso nessa obra tão fundamental em todos os sentidos.

DO LEITOR
Renato Panattieri

Lava Jato

Através das investigações da Operação Lava Jato, a sociedade começa a entender que os megaventos esportivos realizados no Brasil – Olimpíadas e Copa do Mundo –, não tiveram como objetivo projetar nosso país no cenário internacional, como insistiam em afirmar as autoridades, mas, sim, desviar recursos públicos para empresários e políticos corruptos.

Roberto Fissmer, Porto Alegre

Régua penal

Entendo que não devem ser criminalizados somente os políticos delatados que pediram recursos para as respectivas campanhas e que os declararam em suas prestações de contas no TSE e TREs, pois não podem ser responsabilizados pela procedência dos recursos recebidos. Os demais devem responder pelo crime eleitoral quando comprovado que receberam recursos de Caixa 2 e que não os declararam. Aqueles que “se venderam” aos interesses das empreiteiras devem responder pelos crimes de corrupção passiva, sonegação fiscal e evasão de divisas, se tiverem enviado e/ou recebido recursos mal havidos no exterior, e por crime de formação de quadrilha quando ficar caracterizada na execução dos crimes. É a minha régua visando às responsabilizações penais, respeitados o contraditório e a ampla defesa.

José Carlos Morsch, Porto Alegre

Promessa

Quase octogenário ou *quatre-vingts du ancien*, como diria o Juremir Machado da Silva, me recordo dos anos 1959 na rua/avenida Ceará, ao lado da praça São Geraldo, quando meu padrinho Kurt Weisseimer dizia sempre que o Egidio Michaelsen visitava o Emilio Kaminski, que morava logo ali na Rua Guido Mondin. Às 7h, após o café, iam no **CP** a coluna do Archimedes Fortini, o Editorial e a página dos Esportes. Tempos depois, pelas 8h30min, leio o **CP**, agora tabloide, por ordem: Juremir, Do Leitor e a previsão do tempo. Admiro estes três, mas sinto falta dos leitores Ricardo Salomon e do George Teixeira Georgis. Quebrei a promessa e por este motivo envio um grande abraço aos dois, pois parece que nada li, mesmo que tenha lido uma poesia de Robert Frost ou uma crônica do filho do Erico Verissimo.

Ricardo Porto, Porto Alegre



ARTIGO

Gilberto Schäfer*

Previdência: impõe-se a rejeição da reforma

A imprevidência afirma-se como a maior marca do governo Michel Temer ao longo da tramitação da PEC 287 da reforma da Previdência. Nada indica, infelizmente para a população brasileira, que do Executivo e de grande parte de seus aliados surja uma proposta aceitável até a data de votação da matéria, em que pese a resistência registrada na Câmara Federal por considerável número de deputados, inclusive da base governista, que tenta impedir o total desmonte do sistema.

Um breve inventário do triste episódio remete ao fato de que o presidente da República usou uma insólita motivação para enviar à Câmara originalmente uma proposta draconiana: a sua impopularidade recorde. Só um presidente rejeitado e não preocupado em melhorar sua imagem perante a população, na inacreditável lógica palaciana, poderia colocar o bode na sala da forma como ocorreu, apresentando uma proposta que desagradou a todos.

O presidente, que assumiu em meio ao mandato e que por motivos óbvios dá sinais de não pleitear recondução, propõe-se a mexer, dura e atabalhoadamente, em uma questão vital – no sentido estrito da palavra – para as pessoas

que já estão no mercado de trabalho e para as que entrarão futuramente. O presidente fogaz quer deixar como legado o fim de um sistema previdenciário que garante a sobrevivência de milhões de pessoas e só não é melhor porque o governo tem o despor de desviar recursos da Previdência para outras rubricas e ainda acusá-la de deficitária, ignorando opiniões abalizadas em contrário. Quem sabe a CPI proposta pelo senador gaúcho Paulo Paim lance luz sobre essa discrepância.

No relatório do deputado Arthur Oliveira Maia (PPS-BA) sucedem-se erratas e novas redações, especialmente quanto às regras de transição. O certo é que o governo mantém o objetivo inicial de desmontar a Previdência, porque não há uma base fundada, um cálculo atuarial, que sustente o que está propondo.

É de fato uma reforma que se preocupa unicamente com o mercado financeiro, que assumiria os negócios do setor com a previdência privada, e não com a cidadania. Por isso, impõe-se a rejeição como palavra de ordem.

Se a Previdência precisa de reforma, que uma proposta pautada pela seriedade seja amplamente discutida com a sociedade e os números do setor esmiuçados com transparência, a fim de melhorar o sistema e não de destruí-lo.

* presidente da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul (Ajuris)

Os artigos publicados com assinatura nesta página não traduzem necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores. Podem ser enviados para o e-mail opinio@correiodopovo.com.br. As cartas para o Correio do Leitor, com assinatura, endereço, número da identidade e telefone de contato para confirmação deverão ser enviadas para a Diretoria de Redação do Correio do Povo, na rua Caldas Júnior, 219, CEP 90019-900, ou pelo e-mail doleitor@correiodopovo.com.br. Por razões de clareza ou espaço, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

GRUPO RECORD RS
PRESIDENTE: Reinaldo Gilli | presidencia@gruporecordrs.com.br

CORREIO DO POVO
FUNDADO EM 1º DE OUTUBRO DE 1895
EMPRESA JORNALÍSTICA CALDAS JÚNIOR

DIRETOR PRESIDENTE: Sidney Costa | scosta@correiodopovo.com.br
DIRETOR EXECUTIVO: Cleber Nascimento Dias | cnascimento@correiodopovo.com.br
DIRETOR DE REDAÇÃO: Telmo Ricardo Borges Flor | telmo@correiodopovo.com.br
DIRETOR COMERCIAL: João Müller | jmuller@correiodopovo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Fone (51) 3216.1600
atendimento@correiodopovo.com.br

ATENDIMENTO PRESENCIAL
Rua Caldas Júnior, 219

REDAÇÃO
Rua Caldas Júnior, 219 – Porto Alegre, RS
CEP 90019-900 | Fone (51) 3215-6111

FILIADO:



COMERCIAL
Atendimento às Agências
Fone (51) 3215.6169

Teleanúncios
Fone (51) 3216.1616
anuncios@correiodopovo.com.br

OPEC
Operação Comercial
Fone (51) 3215-6101, ramais 6172 e 6173
opec@correiodopovo.com.br

Impresso simultaneamente nos parques gráficos de Porto Alegre, São Sepé e Carazinho

ASSINATURA
Fone (51) 3216-1606
assinatura@correiodopovo.com.br

Planos	RS / SC / PR	Digital
Mensal	R\$ 58,90	R\$ 29,90
Semestral	R\$ 353,40	R\$ 179,40
Anual	R\$ 706,80	R\$ 358,80

VENDA AVULSA
RS: De segunda-feira a domingo, R\$ 2,00.
SC e PR: De segunda-feira a domingo, R\$ 2,50.
Demais Estados: De segunda-feira a domingo, R\$ 3,00 mais frete.